

Arcos da vida e Quadra 27: esquecimentos e lembranças no cemitério municipal de Toledo - PR

Jessica Dal Piva

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul- UFMS

e-mail: jehdalpiva@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-4107-1118>

RESUMO

O presente artigo busca apresentar análises sobre o espaço cemiterial Cristo Rei, localizado no município de Toledo ao Oeste do Estado do Paraná. Este espaço cemiterial é o mais antigo da cidade. O cemitério passou por algumas reformas desde sua construção no ano de 1950 e com isso foram inseridos monumentos. O objetivo é analisar esses elementos e compreender quais mudanças eles trouxeram para o espaço. Os Arcos da Vida e a Quadra 27 foram evidenciados e são os principais elementos desta análise, pois de alguma forma eles representam memória e lembrança de alguns mortos. Partindo da antropologia, a metodologia se desenvolve com a etnografia e a observação participante direta, essas estruturas foram fotografadas e serão apresentadas e descritas ao longo do texto, para que seja possível compreender qual sua função no espaço cemiterial e o que representam em relação à ideia de pioneirismo. A Quadra 27 e os Arcos da Vida são apresentados de forma separada. Na Quadra 27 estão enterrados os esquecidos que passaram a ser lembrados em meados de 2010 por meio do monumento Arcos da Vida que valoriza seus túmulos, seus nomes e trazem as vidas representadas como esquecidas em seus pilares ao longo do corredor central. Por fim, este estudo analisou os esquecidos que foram lembrados em meados de 2010 pela prefeitura, de uma forma que sua história estivesse ligada ao contexto da cidade.

Palavras-chave: Cemitério; Memória; Esquecimento; Antropologia da morte.

Arcos da vida e Quadra 27: forgetting and reminders at the city cemetery of Toledo - PR

ABSTRACT

This article seeks to present analyzes of the Cristo Rei cemetery, located in the municipality of Toledo in the West of the State of Paraná. This cemetery space is the oldest in the city. The cemetery has undergone some renovations since its construction in the year 1950 and with that monuments were inserted. The objective is to analyze these elements and understand what changes they brought to space. The Arcos da Vida and Quadra 27 were highlighted and are the main elements of this analysis, as they somehow represent memory and remembrance of some dead. Starting from anthropology, the methodology is developed with ethnography and direct participant observation, these structures were photographed and will be presented and described throughout the text, so that it is possible to understand their function in the cemetery space and what they represent in relation to the idea of pioneering. Quadra 27 and the Arcs of Life are presented separately. In Quadra 27 are buried the forgotten who started to be remembered in mid-2010 through the Arcos da Vida monument that values their tombs, their names and brings the lives represented as forgotten on its pillars along the central corridor. Finally, this study analyzed the forgotten people who were remembered in mid-2010 by the city hall, in a way that their history was linked to the context of the city.

Keywords: Cemetery; Memory; Forgetfulness; Anthropology of death.

Arcos da vida e Quadra 27: olvidar y recordar em cementerio de la ciudad de Toledo - PR

RESUMEN

Este artículo busca presentar análisis del cementerio Cristo Rei, ubicado en el municipio de Toledo en el Oeste del Estado de Paraná. Este espacio de cementerio es el más antiguo de la ciudad. El cementerio ha sufrido algunas remodelaciones desde su construcción en el año 1950 y con ello se fueron insertando monumentos. El objetivo es analizar estos elementos y comprender qué cambios trajeron al espacio. Los Arcos da Vida y Quadra 27 fueron destacados y son los elementos principales de este análisis, ya que representan de alguna manera la memoria y el recuerdo de algunos muertos. Partiendo de la antropología, la metodología se desarrolla con la etnografía y la observación participante directa, estas estructuras fueron fotografiadas y serán presentadas y descritas a lo largo del texto, de modo que sea posible comprender su función en el espacio del cementerio y lo que representan en relación con el idea de pionerismo Quadra 27 y los Arcos de la Vida se presentan por separado. En Quadra 27 están enterrados los olvidados que comenzaron a ser recordados a mediados de 2010 a través del monumento Arcos da Vida que valora sus tumbas, sus nombres y trae las vidas representadas como olvidadas en sus pilares a lo largo del corredor central. Finalmente, este estudio analizó a los olvidados que fueron recordados a mediados de 2010 por el ayuntamiento, de manera que su historia se vinculó al contexto de la ciudad.

Palabras clave: Cementerio; Memoria; Olvido; Antropología de la muerte.

Introdução

O presente artigo pretende apresentar análises do espaço cemiterial do município de Toledo, no Estado do Paraná. Os Arcos da Vida e a Quadra 27 serão analisados, para que seja possível entender qual as funções destas obras no espaço cemiterial e o que representam em relação à ideia de pioneirismo espalhada pela cidade.

Se partirmos da análise da construção desses monumentos no cemitério, podemos compreender quais são suas especificidades e o que eles representam para o cenário atual do local. E ainda, descrever como eles estão dispostos no cemitério, como são construídos e até mesmo, como são vistos por frequentadores do local.

Cabe ainda compreender as mudanças que foram realizadas dentro do cemitério. Para isso serão inseridos dados do trabalho de campo da semana do Dia de Finados. Assim, esses espaços serão observados de acordo com sua constituição e de como se constroem no decorrer dos anos. Para associar os monumentos e as reformas, a questão da valorização da memória e as relações com o pioneirismo.

Após analisar e entender melhor essas relações, busca-se os significados para o “esquecer” e “lembrar” que se encontra escrito no monumento cemiterial. Os Arcos da Vida e a Quadra 27 fazem parte do processo de lembrar aqueles que foram esquecidos e ainda, fazer com que eles passem a ser vistos com outros olhos pelos frequentadores do cemitério municipal Cristo Rei.

Para buscar o entendimento sobre todo esse processo de memória, da história do local e da construção do espaço, faço uma pequena explanação de como foi se construindo esse processo de morte e enterramento no município desde sua criação, por volta da década de 40. Ressalto a relação dos Arcos da Vida e da Quadra 27 que são dois grandes monumentos em destaque no cemitério Cristo Rei, com significados diferentes e, ao mesmo tempo, com propósitos semelhantes. Todavia, para entendê-los é preciso analisá-los juntos.

Começo então, tomando o índice mortuário de acordo com as pesquisas do antropólogo Klaervo Oberg (1960) que esteve na cidade na década de 50, e observou esse índice que era ainda muito falho, pois muitos moradores não faziam o devido registro, como será observado no próximo ponto.

O Índice Mortuário da Década de 50 e as Relações com a Quadra 27

Logo nos primeiros anos da ocupação de Toledo com os imigrantes vindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o índice mortuário era pequeno. Quase não havia relatos de mortes de infantes e os registros que existiam eram falhos. Não havia de fato uma preocupação ou até mesmo um cuidado com esses mortos (os recém-nascidos neste caso), sobre seu local de enterramento. O importante era enterrar em algum lugar. Como tudo ainda estava em construção, não havia cemitérios para essas práticas.

Segundo Oberg (1960), em sua pesquisa e levantamentos estatísticos sobre a região, na época da fundação da cidade, as estimativas referentes aos nascimentos eram altas e muitas não eram registradas em cartório logo no nascimento. As referências às mortes eram baixas, mas isso se dava, pois, muitos falecidos não tinham seu registro.

As famílias não registravam as mortes, pois ainda havia a falta de um espaço próprio de enterramento. Em 1950, quando foi construído o cemitério, as famílias que moravam longe ou em áreas rurais afastadas também praticavam os enterramentos ao lado de suas casas. Oberg (1960, p. 55) afirma que, em seu levantamento, não foi possível obter dados suficientes para ter uma estimativa satisfatória do índice mortuário do município, pois:

O registro de mortes é bastante satisfatório em certas áreas do Brasil, porque legalmente não se consegue licença para o enterro sem antes provar que a morte foi registrada. No entanto, segundo nos informou o tabelião do cartório de Toledo, a Prefeitura, geralmente, emite licenças para enterros sem exigir evidência formal do registro: conseqüentemente, muitos falecidos não têm registro. (OBERG, 1960, p. 55).

Após algum tempo a prefeitura passou a exigir o registro de todas as mortes que ocorriam na década de 50. Era preciso legalizar a morte, tornando-a formal. Fazendo com que a lei fosse cumprida, além disso, seria preciso, organizar esta questão no município conscientizando todos a respeito da necessidade de registros e regras.

Esta prática já era realizada em outros locais do Brasil e amparada com lei, para tanto era preciso registrar em cartório a morte para então obter um espaço de enterramento. Na época inclusive, a prática do município já havia sido coibida pela justiça, segundo Oberg (1960), foram avisados os delegados e outras autoridades para que as práticas mortuárias passassem a ter mais cuidado e cautela na hora de ser registrada.

Os dados sobre as mortes na região eram incompletos e alguns ainda não batiam com os registros. Essas falhas acontecem, pois, as famílias muitas vezes não apresentavam as mortes das crianças pequenas, principalmente aquelas recém-nascidas ou com até um mês de vida, como disse anteriormente.

A ação de não registrar as mortes com pouco tempo de vida não era realizada por todos. Muitos familiares por vezes enterravam esses recém-nascidos em seu quintal ou perto de sua casa. Embora esta prática permanecesse sendo realizada aqui, ela já havia caído em desuso, pois, os locais de enterramentos já estavam sendo utilizados.

Analisei a Quadra 27 do cemitério Cristo Rei e percebi que a maior parte dos enterrados é de infantes e alguns registrados no ano de 1953¹. É possível notar que alguns túmulos datados dessa época ainda estão no local, suas lápides e seus registros das placas dispostas nos Arcos da Vida, que era o ano que ainda havia problemas nesses registros de enterramentos.

A questão cemiterial, mesmo com as falhas nos registros e com a falta de um local adequado de enterramento, mostra que muitas famílias visavam esta prática e recorreram ao local. Para que fosse possível lembrar-se desses possíveis “esquecidos”, as lembranças que pertencem à Quadra 27 passaram por uma reconstrução.

Desde a construção na década de 1950 até o ano recorrente de 2016² foram realizadas muitas mudanças na Quadra 27. A estrutura física não foi alterada, mas fizeram com que as memórias fossem evidenciadas e a sociedade passou a ver estes esquecidos de uma forma diferente.

No cemitério a Quadra 27 foi uma forma de construção histórica do local, levando algumas questões ao reconhecimento da população. Fazendo com que esses “esquecidos” passassem a ser vistos e até mesmo lembrados de alguma forma. Realizar o processo de rememoração desses mortos dos primeiros anos e identificá-los é fazer com que façam parte de uma história que vem sendo sucessivamente construída.

A Quadra 27 possui 741 mortos. Partimos da hipótese de que eles foram “lembrados”, pois são filhos de pioneiros ou trabalhadores que vieram para a cidade naqueles primeiros anos. O objetivo de rememorar os nomes daqueles mortos é torná-los importantes na construção da história e fazê-los permanecer como parte do contexto social.

Ressalto a importância da memória, seja ela individual ou coletiva, pois cada indivíduo possui uma memória, que faz com que se torne uma história. Os indivíduos de

¹ No ano de 1953 ainda havia muitas irregularidades segundo Oberg (1960), pois as pessoas praticavam os enterramentos sem regras e sem aplicar as leis de forma correta. Assim, é importante visualizar que havia algumas pessoas que buscavam realizar essas práticas de forma correta, ou até mesmo, pelo cuidado com o corpo do morto.

² Ano referente ao levantamento de dados desta análise.

um mesmo grupo, podem contar as mesmas histórias partindo do seu ponto de vista, fazendo com que ela tenha outra forma. Maurice Halbwachs (1968, p. 79) afirma que “(...) cada homem está mergulhado ao mesmo tempo ou sucessivamente em vários grupos. Cada grupo, aliás, se divide e se restringe, no tempo e no espaço”.

Segundo Émile Durkheim (1999 [1893], p. 50) consciência coletiva ou consciência comum “o conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade”, estas podem se constituir em um sistema com base no autossustentarem-se ou no autogerir-se, onde a dinâmica está relacionada com suas próprias forças vitais. Entretanto, consciência coletiva se difere da consciência particular ou individual.

Essas histórias individuais que foram sendo construídas ao longo do tempo no cemitério acabaram formando a estrutura da Quadra 27. Esta quadra foi valorizada com a inserção do monumento chamado de Arcos da Vida, o qual simboliza a longevidade das vidas do local. Podemos analisar a importância das recordações e desse processo de sempre ter memórias ativas. Sobre a criação desses monumentos dentro e fora do cemitério, elas são todas relacionadas a fatos ou acontecimentos para a construção da história.

Algumas memórias são transformadas por interesses, e ainda, podemos passar por uma espécie de amnésia patológica. De acordo com Michael D. Kopelman (2002) a amnésia pode ser definida como um estado mental patológico, no qual a memória, e também o aprendizado são afetados em proporções maiores do que as demais funções do cognitivo, como um conjunto bem definido e limitado de lembranças.

A função cerebral, segundo Halbwachs (1968), deve ser localizada em conjunto. Cada grupo social tenta se manter semelhante, algumas vezes alargando o círculo de amizades ou restringindo suas leituras sobre os mesmos grupos.

É assim que a maioria das influências sociais que obedecemos com mais frequência nos passam despercebidas. Da mesma maneira, e talvez com mais razão ainda, quando no ponto de encontro de várias correntes de pensamento coletivo que se cruzam em nós se produz um desses estados complexos, onde queremos ver um acontecimento único, que não existirá a não ser para nós. (HALBWACHS, 1968, p. 47).

Ao longo dos anos, alguns túmulos que foram construídos na Quadra 27 desapareceram. Mas, estão gravados nas placas dos Arcos da Vida e seus nomes completos estão em destaque. Lembrar-se dos mortos é uma prática importante para alguns grupos, pois visam à memória e a história.

Segundo Marc Augé (1998, p. 20-21) tanto o esquecimento quanto a memória são parceiros, tendo em vista que eles se mantêm da mesma maneira e relação. “[...] a vida e a morte. A vida e a morte só se definem uma em relação à outra. [...] Esta proximidade das duas duplas – vida e morte, memória e esquecimento – é em todo lugar sentida, expressa e mesmo simbolizada”.

Com relação a lembrança dos mortos, que por vezes se conserva por longos anos, Roberto DaMatta (1994, p. 18) afirma que a saudade é mais do que uma palavra, tendo em vista a densidade que ela possui. A saudade seria “uma categoria básica de nossa existência” brasileira. E ainda, se trata de uma,

[...] categoria do pensamento e da ação na acepção maussiana do termo, e [...] uma palavra com capacidade *performativa*, no sentido de John Austin. Uma categoria que – tal como ocorre com palavras de ordem [...] – ao ser dita e invocada, promove e implica um fazer, um empenho, uma perspectiva ou um compromisso, definindo um estado interno e permitindo ou desculpando uma ação externa. (DAMATTA, 1994, p. 19).

As lembranças cemiteriais do município de Toledo-PR fazem o movimento de demonstrar que aqueles indivíduos tiveram importância para a história. O processo de revitalização da Quadra 27 que antes havia sido esquecida demonstra isto. Lembrar esses nomes nos pilares do corredor central é fazer isso de forma conjunta, com o público que ali frequenta. Sobre as lembranças elas partem de um processo de sentimentos e são desenvolvidas de acordo com a crença de cada indivíduo³.

Com relação aos sentimentos, segundo Marcel Mauss (1921), as expressões coletivas se apresentam também nos indivíduos de forma singular. Temos formas variadas de nos apresentar em rituais ou até mesmo em manifestações mais simples do cotidiano. Elas acontecem de forma individual, mas representam um padrão coletivo. “Mas todas estas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas [...]” (MAUSS, 1921, p. 332).

As manifestações de sentimentos servem como uma forma socialmente construída e totalmente simbólica. Todos os nossos sentimentos são expressões que acontecem de acordo com aquilo que vivemos. Ao que se refere a Quadra 27, pode-se analisar que ela

³ As questões religiosas, ou seja, relações com catolicismo, evangélicos e outras, não fazem parte deste trabalho. Elas são difíceis de julgar e até mesmo fazer análises delas nos espaços, pois temos a diversidade mais aflorada nos dias de hoje.

possui uma forma de sentimentos específica, se for comparada com as outras quadras do cemitério. Não se sabe se de fato os que ali estão enterrados foram esquecidos. O esquecimento também pode ser uma expressão compreendida⁴.

Pode-se afirmar que a Quadra 27 é uma questão de “memória de interesse” (HALBWACHS, 1968, p. 31), pois a mesma foi evidenciada com outro monumento, os Arcos da Vida. Interessante notar que embora inicialmente ela apenas tivesse infantis, hoje isto foi alterado. Quando se encontra com o cruzeiro, podemos notar que há várias figuras que compõem a história de Toledo neste mesmo espaço.



Figura 1 - Willy Barth (20/06/1906 – 02/04/1962) e Diva Paim Barth (11/03/1916 – 16/07/2012). Fonte: Acervo da autora, 2016.

⁴ Algumas vezes que visitei o espaço para minha pesquisa, pude observar que algumas pessoas olham de forma curiosa os túmulos e alguns comentavam que não havia o nome ou qualquer outra forma de identificação. Entretanto, outras duas vezes consegui conversar com pessoas que rezam, ascendiam velas e levavam flores. Em uma primeira abordagem duas senhoras relataram que eram os irmãos que estavam enterrados ali, mas que levavam flores pois a mãe que já havia falecido pediu que sempre levassem. Em outro momento, abordei um senhor, que disse ser a filha dele e que ele levava as flores para ela, pois ela havia falecido em seu nascimento. Ele chegou a conhecê-la, mas não levou para casa, pois ela faleceu logo depois do parto. Ambos os casos procuraram falar pouco e deixaram perguntas sem respostas.

O casal de pioneiros mais conhecido na cidade de Toledo são os Barth. Eles participaram do processo de colonização e são considerados os pioneiros do município. Willy Barth morreu e foi enterrado em outro estado, e algum tempo depois, sua família decidiu que ele voltasse e então, fosse enterrado na cidade de Toledo. A imagem acima é o local de enterramento do casal Barth que estão sepultados na Quadra 27.

Sobre essa questão de formação da Quadra 27, não há relatos que expliquem de fato o que esses pioneiros estão fazendo neste local, mas, ainda assim, em uma placa explicativa dos Arcos da Vida, consta a relação apenas daqueles que foram realmente esquecidos. Ressalto que existem alguns túmulos que não fazem parte nem da quadra de infantes, nem da relação dos pioneiros, não há também uma explicação devida.

Não há registros de pioneiros que foram enterrados na Quadra 27, embora eles estejam lá. Seus nomes não estão gravados nas placas da entrada. Sendo assim, não fica explícita a escolha desta posição de enterramento. A imagem abaixo mostra a posição da Quadra 27 com relação à estrutura do cemitério, pode-se notar que de fato ela está em um local evidenciado.



Figura 2- Imagem do final da Quadra 27, onde estão alguns dos pioneiros da cidade, bem próximo ao cruzeiro. Fonte: Acervo da autora, 2016.

Na foto acima está a disposição da Quadra 27 e os Arcos da Vida, junto com o cruzeiro. Todos os túmulos dessa primeira fila estão voltados para o cruzeiro, os demais túmulos dos infantes estão na posição contrária destes, voltados para a entrada do cemitério. No entanto, não há explicação para tal organização.

A área da Quadra 27 é toda cuidada pelo cemitério. Eles fazem todas as manutenções e os cuidados que necessita. Pude analisar que poucas pessoas a visitam. No entanto, estão sempre com os túmulos pintados e bem cuidados, pois quem faz essa

manutenção são os funcionários da prefeitura, os mesmos que cortam a grama das demais quadras e organizam o território.

As diferenças nos túmulos podem ser vistas por todos os visitantes, mas acredito que poucos questionam qual o motivo de sua presença no local. Os visitantes da Quadra 27 frequentam pouco o espaço, como observei quando estive em campo. Muitos me sugeriram: “converse com quem visita à quadra e pergunta o que aconteceu”, mas a Quadra 27 sempre estava vazia.

Na foto acima é possível notar que os túmulos dos pioneiros são diferentes dos demais da mesma quadra. Além dos tamanhos de adultos, pelos cuidados e pela localização que se encontram. Estes também estão evidenciados na Quadra 27 pela sua disposição no local⁵.

Da direita para a esquerda, temos nomes como: Willy Barth e Diva Paim Barth, ambos foram grandes figuras no período de colonização do município e fizeram parte da madeireira Maripá que vendia os lotes aos “Sulistas”⁶. Ao lado, Padre Antônio Patuí, líder católico, que por sua vez, veio para o município em 1946, ajudou na construção da primeira igreja, de escolas, estradas, na derrubada das matas e escolheu a localização do cemitério.

E ainda, estão nesta quadra Ernesto Dall’Oglio, médico e primeiro prefeito do município; Egon Pudell, segundo prefeito da cidade de Toledo, fez muitas atividades ao lado dos demais pioneiros mencionados e foi um dos mentores de uma grande empresa de suinocultura. Além destes, também há o túmulo de Ondy Hélio Niederauer que fez parte do processo de colonização de forma direta acompanhando as atividades do processo de colonização e foi membro da administração da madeireira.

O morto, no entanto, tem seu *status* social, mesmo em seu *post mortem*, pois a morte e o morrer são um produto social. Ao mesmo tempo em que o “reconhecimento de que essa sociedade está enredada numa irremediável contradição com ela própria, que está dividida em oposições inconciliáveis de que ela não é capaz de se livrar” (ENGELS, 2005, p. 181). A morte individual é reflexo da dinâmica social (BARALDI; SILVA, 2000).

⁵ Eles estão virados de frente para o cruzeiro, já os demais enterrados da Quadra 27 se encontram de costas e de frente para a Avenida Maripá.

⁶ Aqueles que vinham de Santa Catarina e Rio Grande do Sul para iniciar sua vida em Toledo. Eles eram considerados os mais trabalhadores e investidores da região e não tinham o espírito aventureiro como os demais. Essa afirmação aparece também no livro de Oberg (1960).

Maranhão (1999) segue a afirmativa de que todos irão morrer, mas o que diferencia é a duração da vida e as modalidades do fim, sendo essas diferentes e de acordo com as classes sociais às quais os mortos pertençam. Para esta discussão, Philippe Ariès (1989, p. 164) reitera que “[...] o essencial é fazer desaparecer o corpo com decência[...]”.

Nota-se que há uma evidência nesta parte da Quadra 27 e que fica sublinhado também para quem faz as visitas. Quando explico o que analiso no espaço cemiterial Cristo Rei, quem conhece o local, pergunta por que existe uma faixa de enterrados que não são infantes e porque eles estão ocupando este espaço e não outro.

Para compreendermos, precisamos analisar a Quadra 27 e os Arcos da Vida de forma minuciosa, ficando mais atentos aos detalhes que por vezes ela não nos apresenta. A partir daí, são notáveis as relações de hierarquia e de enterramento do local, até por este motivo, podemos entender que aconteça uma espécie de memória ou lembranças por interesses.

“Esquecidos” por seus Familiares, Lembrados pelo poder público

As memórias desses grupos precisam ser lembradas, até para que possamos contar essa história para quem faz parte dela. Relembrar quem está na Quadra 27 faz parte do desenvolvimento do município. Cada indivíduo de forma geral faz parte de vários grupos, e de alguma forma, toda nossa vida passa a ser compreendida a partir desse desenvolvimento.

A Quadra 27 foi um grande achado de pesquisa dentro do espaço cemiterial. Após várias visitas ao local, encontrei muitas coisas para pesquisar, mas nada que me atraísse. Foi quando encontrei a Quadra 27 e analisei algumas coisas sobre este espaço, notei que sua história é de fato muito diferente das demais quadras do cemitério. O que mais intriga seria o fato de possuírem pioneiros no local.

De forma evidenciada, a Quadra 27 faz parte da homenagem aos 741 mortos e fui informada que ela está sendo cuidada pela administração do local. Os cuidados com o espaço fica a cargo dos funcionários do local, além disso, realizam pequenas reformas em túmulos e lápides. Os túmulos foram pintados todos da mesma cor⁷, as flores foram organizadas e a grama cortada. As demais quadras também são cuidadas pela prefeitura, mas nota-se que esta tem suas especificidades.

⁷ Todos aqueles que a prefeitura cuida, são pintados na cor branca.

Pode-se notar que a ideia de dar “vida” a esta quadra, partiu da administração e não da população, como acontece na maioria das vezes. Havia muita reclamação da população que exigia reformas para ter um local com mais cuidado. Reivindicação que foi atendida pela prefeitura que entregou o cemitério reformado no ano de 2010.

Sobre o espaço cemiterial, analiso que várias outras quadras se encontram mal cuidadas, com túmulos e suas lápides caídas, além do lixo. Existe uma quadra do cemitério de identificação 09 que possui túmulos antigos e mal cuidados. Esta quadra foi sendo composta em meados da década de 90, praticamente 40 anos depois da construção da Quadra 27. Se pensarmos sobre a estrutura dela e compararmos com a Quadra 27⁸, elas são similares em muitos aspectos. Contudo, esta não é homenageada e nem cuidada com o mesmo rigor pela administração do espaço.

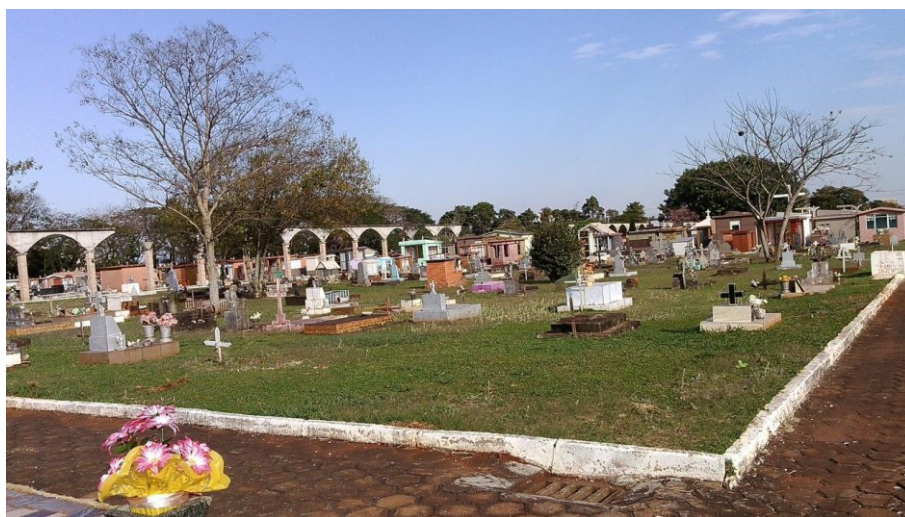


Figura 3 - Quadra 09, está localizada depois do cruzeiro. Acervo da autora, 2015.

Essa quadra apresenta túmulos destruídos e mal cuidados. Alguns não possuem identificação de nomes e nem de números. Os esquecidos também estão presentes neste local. Existem outras quadras de infantes. Em sua maior parte estão abandonadas e possuem poucos cuidados. Não é possível encontrar visitantes nessas áreas. As demais quadras do cemitério apresentam cuidados e é possível encontrar visitantes. O número dessas visitas é maior se compararmos com as feitas aos infantes que já estão enterrados há muitas décadas.

⁸ Ressalto que as quadras do cemitério são identificadas com letras e números, mas elas não seguem uma ordem sucessiva dentro do espaço cemiterial. Por esse motivo, as quadras ficam fora de ordem e não seguem uma linha numérica ou alfabética contínua.

A foto acima apresenta uma quadra de infantes, esta por sua vez, não possui nenhum sinal de pioneiros e nem túmulos de adultos. Está toda completa, mas muitos túmulos já não estão mais demarcados. Esta foto foi tirada em um dia normal de visitação, deixando ainda mais evidente seu abandono. Devido ao ritual de homenagens no Dia de Finados, elas ficam floridas e com velas. Porém, se observar, nem todas as quadras possuem o mesmo cuidado e atenção. Mesmo no dia de celebrar os mortos, alguns túmulos e quadras não recebem flores como acontece na Quadra 27.

Em outros dias de visitação normal, observei que em algumas quadras mais antigas, as visitas acontecem de forma constante, seja por um familiar ou por conhecidos do enterrado. Sendo assim, é visto que o cuidado com o enterrado ainda existe e permanece de forma constante.

A imagem abaixo é da quadra de infantes mais nova do cemitério. Ela está quase toda completae foi criada no ano de 2010, sempre tem flores na maioria dos túmulos, sinais de visitas. A quadra é menor que as demais quadras, foi construída em uma das expansões do cemitério. A quadra acima⁹, que é composta apenas de infantes, recebe muita visitação e cuidado dos familiares.



Figura 4 - Quadra de infantes – é uma das quadras localizada na última compra de terrenos da prefeitura, deste cemitério.
Fonte: Acervo da autora, 2016.

⁹ Essa quadra foi criada em meados de 2000. O número de infantes enterrados nessas duas quadras é bem grande, muitos túmulos com fotos. Podemos observar que viveram pouco, por vezes nem um ano de idade, alguns enterrados apenas com poucas horas de vida. Os familiares prestam sua homenagem e demonstram seu carinho, deixando evidente que possuem um ente querido que já se foi.

Um dia antes de celebrar os mortos e no dia da celebração de Finados, pude notar que muitas das quadras do cemitério sempre estavam cheias de gente, limpando, rezando, acendendo velas, levando flores e até sentados perto dos túmulos, como se estivessem fazendo companhia. Muitas famílias celebrando os mortos. Algumas até com outras crianças menores, apontavam e mostravam quem estava ali enterrado.

Muitas transformações acontecem ao longo dos anos relacionadas aos rituais de memória que envolvem a sociedade contemporânea. O dia de finados, o cemitério, os cultos religiosos tradicionais, entre outras ações neste espaço, passaram a ter novas práticas e valores. Entretanto, “Os rituais da morte, velório, sepultamento, orações e missas de 7o e de 30o dias, comuns na vida contemporânea, são prestações à sociedade, são da ordem do liminal e da estrutura” (CASTRO; CASTRO, 2019, p. 256).

Segundo Antonio Motta (2009) partindo dos pressupostos da emoção, os autores sociais argumentam que os ritos *post mortem* estão relacionados há uma necessidade social de cunho emotivo. Pois, no mundo dos vivos, os mortos passam por um trabalho contínuo de memória e recordação, sendo lembrados por sua história. Tendo isso como ponto de partida, os indivíduos se sentem achegados ao grupo social ao qual o morto pertence (MOTTA, 2009, p. 27). As relações estão ligadas por uma necessidade emotiva que perpassa para o mundo dos mortos.

A morte, assim como a vida, fazem parte do coletivo, ambas são celebradas com cerimônias que buscam a interação com a comunidade do indivíduo. Ariès (1982) afirma que o morto precisa estar com o coletivo, ou seja, com os indivíduos de sua comunidade no processo de morte. Como segue,

[...] a morte, tal como a vida, não eram atos individuais, mas um ato coletivo. Por essa razão, à semelhança de cada grande passagem de vida, ela era celebrada por uma cerimônia sempre mais ou menos solene, que tinha por finalidade marcar a solidariedade do indivíduo com a sua linhagem e sua comunidade. (ARIÈS, 1981, p. 658).

Na Quadra 27 do cemitério desta pesquisa, a movimentação que acontece nas demais quadras, não acontece nela e a visitação é bem reduzida. Apenas algumas flores foram deixadas em alguns túmulos. A maioria das pessoas que passava por lá apresentou curiosidade e observou os nomes daqueles que ali estavam. Pode-se dizer que as três quadras possuem seus esquecidos, umas mais que as outras.

De acordo com Halbwachs (1968), podemos observar que o passado e o presente possuem uma mesma finalidade, ou seja, querem apresentar que sempre teremos uma

forma de continuar nossas histórias: “Certamente, um dos objetivos da história pode ser, exatamente, lançar uma ponte entre o passado e o presente, e restabelecer essa continuidade interrompida” (HALBWACHS, 1968, p. 81).

O que difere a Quadra 27 das demais quadras? E o que eles buscaram quando estavam homenageando os esquecidos que pertencem a ela? Devo ressaltar que todo o território do cemitério possui “os esquecidos”, sejam eles esquecidos pela família, por mudança, pelo difícil acesso ao local de enterramento, e até mesmo, pelo esquecimento do dia a dia.

Reconstruir a memória da Quadra 27 foi como dar vida a uma história local ressaltando alguns fatos e nomes que estão de alguma maneira associados às famílias dos pioneiros. Esta conclusão da análise parte diretamente da observação dos anos de enterramentos que constam nas lápides. Portanto, o motivo de evidenciar a Quadra 27 talvez seja homenagear os familiares que aqui estiveram construindo sua história e a história da cidade na época da colonização.

Para que a memória dos outros venha assim reforçar e completar a nossa, é preciso também, dizíamos, que as lembranças desses grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o passado. Cada um de nós, com efeito, é membro ao mesmo tempo de vários grupos, maiores ou menores. (HALBWACHS, 1968, p. 78).

Pode-se então entender que as demais memórias vieram para compor a memória do cemitério. Afinal, se esta quadra permanecesse sem uma identificação devida, ou até mesmo sem um processo de lembrança, estaria passando despercebida tanto para os visitantes, quanto aos familiares que podem ter mais enterrados no mesmo cemitério.

A “quadra dos esquecidos” existe, pois algumas pessoas “esqueceram” dos que ali estão e por algum motivo não frequentam mais este espaço. As famílias dos enterrados ali tinham uma memória deles e agora os mesmos fazem parte de uma memória coletiva da cidade. E mesmo os que não aparecem de forma declarada em seu túmulo, foram nomeados nas placas dos Arcos da Vida.

A memória não tem um prazo exato de duração, ela é limitada, e isto acontece, pois ela é gerada dentro de um grande grupo e não apenas por uma pessoa. Trata-se da questão da “memória coletiva”. Esta por sua vez, se transforma, pois nunca estamos sós com a memória.

“Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam” (HALBWACHS, 1968, p. 32). Talvez possamos entender melhor o que

acontece na Quadra 27 se partirmos deste conceito de memória, pois muitos que ali estão foram esquecidos por alguns, mas não foram esquecidos por todos.

Sobre as memórias que se transformam, pode-se dizer que muitas delas foram evidenciadas por interesses, como analisa Halbwachs (1968). Lembrar faz com que algo permaneça ativo em si; deixar de lembrar faz com que você saia do grupo. Manter a memória é torná-la necessária, é preciso apoio ou contato entre o grupo.

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuaram a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 1968, p. 34).

Os enterramentos dessa quadra são de crianças, estas por sua vez viveram pouco com seus familiares, algumas tinham dois anos ou alguns dias quando morreram. Então não fazem parte de um grupo de pioneiros, mas sim das famílias desses pioneiros. Pensando assim, nota-se a importância dessa homenagem que cria uma memória.

A revitalização da Quadra 27 se tornou uma necessidade, segundo a explicação da administração local:

Visto ser uma quadra em estado de abandono por parte dos familiares, não possuindo mapa para a identificação de lotes, a administração da época decidiu colocar placas identificando por nomes os infantes inumados na mesma.

Quando a prefeitura passa a homenagear¹⁰ esse grupo e dar importância a cada um deles de forma individual, eles deixam de ser um grupo que compõe uma “quadra de esquecidos” e passam a ser lembrados e incluídos na história. Passam a estar presentes nela de forma ativa.

¹⁰ Nenhum dos corpos foi retirado ou mudado de local, segundo o administrador do cemitério. Quando questionamos a presença dos pioneiros que fazem parte da Quadra 27, a resposta é que “Não há a presença de pioneiros naquela quadra”.



Figura 5 - Pilar localizado no início da quadra 27 com os nomes dos enterrados na mesma quadra. Fonte: Acervo da autora, 2015.

A imagem acima é de uma das sete placas que o corredor da Quadra 27 possui. É uma homenagem de forma individual. Os 741 nomes estão em ordem alfabética, cada uma delas possui uma mensagem religiosa logo abaixo de sua identificação.

As placas apresentam todos os enterrados, os nomes estão completos, com isso podemos analisar também os sobrenomes. Com relação aos sobrenomes das famílias colonizadoras, elas se apresentam espalhadas pela cidade, nos pontos turísticos.

A Quadra 27 foi construída sem que houvesse distinção de nomes ou que as famílias tivessem que ser conhecidas, para que os enterramentos fossem de alguma forma privilegiados. Nenhum dos relatos apresentados nas obras analisadas sobre o município ou até mesmo nas conversas que aconteceram de forma esporádica, descreveram a prioridade sobre os enterramentos na Quadra 27.

As placas da quadra fazem a composição do cenário e apresentam o monumento aos visitantes. Elas possuem uma mensagem religiosa, como um conforto aos visitantes. A princípio, a mensagem é um trecho da bíblia católica, mas isso também não fica evidente.

A placa explica aos visitantes: “Relação dos Falecidos Sepultados na Quadra 27 Cemitério Municipal de Toledo – Período 1953 a 1972”, com a mensagem¹¹: “[...] Refrigera minha alma, guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome [...]”. Todas as placas apresentam-se dessa forma, como são sete pilares que estão com os nomes dos enterrados da Quadra 27, elas se destacam no decorrer do corredor de todo cemitério. Nos demais pilares não há nada.

Todos os visitantes tem acesso aos enterrados desta quadra. O número de nomes não corresponde a quantidade de túmulos que ainda pode ser vista, há em torno 50 túmulos na Quadra 27. Os demais sumiram com o tempo.

Abaixo a imagem que apresenta a Quadra 27 em um dia de celebração dos que nela estão enterrados.



Figura 6. Início da Quadra 27, logo após a administração do espaço. Fonte: Acervo da autora, 2016.

No ano de 2016, notei que se iniciaram várias ações visando à reforma dos túmulos. Estas começaram um pouco antes do fim do mês de outubro¹², juntamente com as atividades de limpeza do cemitério. É comum que no mês de outubro as famílias cuidem mais efetivamente de seus espaços e façam reformas de todos os tipos.

Alguns dos túmulos da Quadra 27 seguem a pintura branca e sem flores, muitos não receberam nenhum tipo de objeto que simbolizasse ou representasse que eles foram

¹¹ Cada placa tem uma mensagem diferente, lembrando que são sete no total, mas todas possuem a mesma identificação como cabeçalho.

¹² A prefeitura permite estas intervenções até o dia 24 de outubro. Nos últimos dias do mês, ocorrem somente visitas. Até o dia 26 de outubro as reformas não acontecem mais.

lembrados. No Dia de Finados, muitas pessoas passavam pelo meio da quadra sem respeitar as demarcações de quadras ou túmulos.

A Quadra 27 me parece que foi homenageada na busca por representações que levassem a memória de todos que ali estão e dos pioneiros¹³. Essa evidência da Quadra 27 por meio de homenagem no corredor, pode ser analisada por meio das leituras como “A Memória Coletiva” (HALBWACHS, 1968), sobre as nossas lembranças e sobre as lembranças dos outros, pois cada lembrança está presente em nós de uma forma, assim, possuímos um olhar diferente para cada uma delas.

Os infantos da Quadra 27 fizeram parte de uma história mais particular, ou seja, eles passaram sua vida com seus familiares. Não vieram a público ou construíram histórias de vida que fossem comparadas a de um pioneiro. Os pioneiros por sua vez, construíram suas histórias ao público e em toda cidade percebe-se o que se quer valorizar: como eram as condições para viver as grandes lutas.

Arcos da Vida: As Vidas Representadas em Pilares

Sobre os Arcos da Vida, alguns elementos podem ser analisados de forma que compõem o cenário do cemitério, fazendo com que os elementos se interliguem. Os Arcos da Vida e a Quadra 27 são dois elementos distintos, mas que precisam ser vistos juntos para que seus significados sejam compreendidos. “As imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, [...]” (HALBWACHS, 1968, p. 28).

Os Arcos da Vida e a Quadra 27 realizam um processo de continuação de homenagens e lembranças. Um monumento está interligado ao outro com objetivos parecidos, ambos visam às continuidades das vidas e apresentam como elas podem ser longas ou não. Pois eles são de tamanhos diferentes, alguns continuam no pilar ao lado, outros não.

A longevidade de cada indivíduo não é determinada desde seu nascimento, a maior dúvida da humanidade é saber para onde vamos depois de morrer, mesmo que algumas religiões apresentem discursos e afirmem para onde cada indivíduo vai depois de morrer, a dúvida é permanente. Assim são os Arcos da Vida, uns longos e acabados, uns se unem e outros pararam no meio do processo.

¹³ Consta em uma notícia, que já não é possível mais ser acessada de forma completa, que a inauguração do cemitério teve a presença de um pioneiro.

Os monumentos inseridos nos espaços cemiteriais, criam uma forma de convivência permanente entre vivos e mortos. Essa relação se dá até mesmo em algumas igrejas, eles se mantêm para aproximar os indivíduos vivos dos mortos. A relação criada é vista com naturalidade, sendo a morte o destino de todos, não se exclui o morto do convívio social (CAPUTO, 2008).

A criação dos Arcos da Vida foi desenvolvida e pensada por meio do Projeto Plurianual do Município de Toledo para os anos de 2010 a 2013, como consta na Lei “R” Nº 79, de 1º de novembro de 2012. Ele foi programado para que constasse na reforma do cemitério e na ampliação do mesmo. Como segue na figura abaixo:

Programa: 34 – INFRAESTRUTURA URBANA

| Código | Tipo | Descrição da Ação | Un Med | 2013 |
|------------|---------|---|--------|------------------|
| 03 | Projeto | Ampliação, reforma e melhoria de cemitérios municipais e capela mortuária | M² | 150 |
| | | | Valor | Ordinário |
| | | | | 350.280,00 |
| | | | | Vinculado |
| 239.800,00 | | | | |

Meta: Execução de ossários e carneiras, reformas de fachadas e pavimentação interna, ampliação dos cemitérios, construção de capelas mortuárias, tendo já sido definidos as seguintes localidades: Jardim Coopagro, *Jardim Porto Alegre* e São Francisco; discutir com a comunidade da cidade e interior a implantação de capelas mortuárias; banheiros, portões e água encanada nos cemitérios de Linha São Paulo, Xaxim e Novo Sarandi, Muro do cemitério de KM 41 e Linha União; abertura de nova área para sepultamentos. Apoiar as comunidades do interior para melhorias nos cemitérios.

Produto Esperado: Cemitério Cristo Rei e Cemitério Jardim da Saudade com infraestrutura adequada para uso; Cemitérios dos Distritos melhorados; Melhorar as condições dos atos funerários para a população, quando do sepultamento de seus entes.

Órgão: 13 – Secretaria de Habitação e Urbanismo

Unidade: 0004 – Departamento de Serviços Públicos

Função: 15 – Urbanismo

Subfunção: 451 – Infraestrutura Urbana

Figura 7 - Programa 34 - infraestrutura Urbana. Fonte: Prefeitura de Toledo, 2012.

Todas as alterações e as reformas precisam passar por um processo de aprovação que vai a público para que a população possa tomar nota e até mesmo participar das licitações. Observa-se também que a meta a ser cumprida pela administração local está toda descrita neste documento.

A figura acima apresenta o projeto para reformas e melhorias nos espaços que são destinados aos mortos e aos seus familiares, visando que as condições para os atos funerários e a sociedade de forma geral sejam os melhores possíveis.

Os dois monumentos foram inaugurados no mesmo dia e ano, pois se completam. Os Arcos da Vida simbolizam a longevidade que uma vida pode ter, ou seja, maior ou menor, como pode ser visto ao longo do corredor do cemitério. Na imagem a seguir, fica claro como eles se apresentam e de que forma eles estão dispostos no corredor, seguindo

um padrão irregular em sua construção. Esta arquitetura visa representar as diferentes vidas que o espaço possui.



Figura 3 – Lateral da Quadra 27 e os Arcos da Vida ao longo do corredor central. Fonte: Acervo do autor, 2016.

Na imagem acima estão os Arcos da Vida e parte da Quadra 27. Os arcos ficam dispostos apenas no corredor central, do início ao fim do cemitério. Eles não possuem uma sequência que se repete nas outras quadras. Os pilares são irregulares e muitos “não foram terminados”, de forma proposital.

Os Arcos da Vida representam diferentes vidas, para cada arco que foi construído ao longo do corredor, alguns deles não passam muito do limite do pilar. Outros pilares são altos, mas não fazem ligação com outro arco e pilar. E ainda podemos notar que alguns arcos fazem ligação com outros. Todos podem ter uma interpretação diferente dos arcos.

O cemitério é um local de diversidade cultural, religiosa e de muitas crenças. Cada indivíduo associa a algo que lhe é mais próximo ou aos seus ritos e costumes. Para Ariès (1975, p. 50) os túmulos apresentam “[...] os sinais da sua presença para além da morte”, como um local de memória. Motta (2010, p. 25) afirma que a morte é como fato social, o qual produz diferentes dimensões da vida humana.

O debate sobre a organização do sistema simbólico torna-se necessária para compreender a perspectiva de cada grupo e suas práticas particulares, além da preservação, manutenção e fortalecimento da cultura. Destaca-se a diversidade e o universalismo, no pensamento de que a morte é algo universal e tem as suas peculiaridades de acordo com cada localidade (SILVA, 2019).

Em “A morte é uma festa” de João José Reis (1991), o autor descreve algumas mudanças relacionadas a morte e o morrer, desde o processo de proibição de enterramentos nas igrejas, o monopólio funerário no início do século XVIII, a transferência do local de sepultamento e sua representação na sociedade. Para Reis,

[...]o dia 02 de novembro passou a ser o dia especial dedicado à memória dos que faleceram, cabendo aos vivos a iniciativa de renovar, ano após ano, os laços para com aqueles que partiram desta vida. O fato de se ter um dia dedicado aos mortos no calendário católico ratifica a crença na vida eterna e necessidade de orações para com os mortos, na esperança que seus pecados sejam perdoados e, assim, possam estar na presença de Deus. (REIS, 2009 *apud* NEGRÃO, 2014, p. 23).

Como lembra Ariès (1989, p. 164), os cemitérios lembram parques, pois são “embelezados com monumentos e destinados à edificação moral de visitantes, mais turistas que peregrinos”. Para Maranhão (1999, p. 36-37) há também uma equivalência seja para coisas boas ou não, onde o mundo dos mortos se mistura e imita o mundo dos vivos.

A gestão do município não passou o que de fato eles significam, além de representar as longevidades das vidas. Com a placa explicativa da entrada, pode-se interpretar o que está de acordo com o que sabemos sobre o local, sobre a história do município e nossas vivências. Várias interpretações são feitas para designar o significado dos Arcos da Vida.

Quando estava em campo fazendo pesquisas, perguntei a algumas pessoas o que elas acreditavam que os arcos representassem e muitas delas não sabiam o seu real motivo no local. Alguns pensam que os arcos também podem representar às pessoas de forma individual ou coletiva, sendo esta primeira à forma de apresentar que a vida de cada um está ligada ao monumento.

A relação do presente e do passado é também onde se desenvolvem nossas memórias e faz um processo de volta ao passado ou até mesmo como se conseguíssemos parar e voltar no tempo, por pouco tempo. Nossa história é toda construída dessa forma, como se precisássemos dessas memórias para saber quem somos, como devemos nos comportar e que atitudes devemos tomar.

O tempo que dura nossas memórias podem variar, elas precisam ser constantemente alimentadas para que não esqueçamos quem elas são ou até mesmo como se desenvolvem. É como se nossas memórias individuais tivessem um prazo de validade e como elas não seguem um padrão, cada indivíduo ou grupo se reporta a ela como consegue.

As memórias fazem parte da nossa construção social, através delas podemos recontar histórias e vidas ou apresentar aos que chegaram agora no mundo como era e como estava sendo construída. Os Arcos da Vida apresentam a memória social coletiva e representam que no cemitério existem várias vidas que foram encerradas de alguma forma.

Considerações Finais

Tendo em vista as análises apresentadas, compreende-se que o espaço cemiterial passa por muitas mudanças no decorrer de sua construção. É um espaço de muitas histórias, sejam elas longas ou não, como foi possível ver na análise dos Arcos da Vida. A morte, no entanto, é um fenômeno complexo e seu entendimento deve ser feito e considerado de forma multidisciplinar.

As perspectivas para se debater a morte são históricas, pois existem diferentes tipos de morrer em um mesmo contexto social, além é claro, do cuidado com o corpo morto. O desenvolvimento humano é parte de uma construção histórica e social, o qual se desenvolve ao longo da vida de cada indivíduo. Esse processo se inicia a partir de sua intervenção no meio em que vive e na sua relação com os outros.

Sobre os monumentos, Maranhão (1999) afirma que podemos perceber as diferenças de classes na configurações geográficas dos cemitérios, onde se tem de um lado, bairros pobres com sepulturas planas e mal-acabadas e de outro, bairros ricos com verdadeiros monumentos escritos com letras de bronze. E ainda, para o mesmo autor os "caixões artisticamente talhados [...] revestidos em cetim almofadado" (MARANHÃO, 1999). Assim também acontece no cemitério municipal deste estudo.

Os Arcos da Vida é visto como um monumento cemiterial, eles foram compostos visando às vidas da Quadra 27 e como elas se apresentam. Ao mesmo tempo é possível notar que, por estarem dispostas ao longo do corredor central, elas fazem a mesma homenagem aos demais enterrados do local.

A importância da revitalização do local não está ligada apenas ao conforto que os visitantes e frequentadores solicitaram. Ela também se liga aos esquecidos e que tem que ser lembrados. Ser esquecido em um espaço como o cemitério pode ter vários fatores, mas ganhar memória após muitos anos é como se contássemos a história de novo. A Quadra 27 é parte dessa história que por muitas vezes não é contada em livros ou lugares de acesso.

A morte ou o morrer fazem parte da representação social dos cemitérios. Por isso se torna importante para algumas religiões manter amemória e a história dos mortos. Segundo Motta (2009, p. 73) as sociedades ocidentais buscavam preservar ou guardar os vestígios deixados pelos mortos, seja por meio das construções de túmulos monumentais ou em suas versões contemporâneas, nos cemitérios-jardins ou verticais.

De acordo com Eduardo Coelho Rezende (2007, p. 12) a questão religiosa para os católicos é tão forte nos espaços cemiteriais, pois parte do significado de “cemitério” sendo o “local onde se dormia”, diante disso o termo usado pela Igreja Católica foi “descanse em paz”. Esses apontamentos sobre o espaço cemiterial devem ser analisados, independente do contexto social em que cada indivíduo vive, em algum momento iremos nos deparar com a questão da morte ou do morrer.

Diante disso, este estudo buscou apresentar os esquecidos do cemitério de Toledo-PR que foram lembrados em meados de 2010 pela própria prefeitura, de uma forma que sua história estivesse ligada ao que vivenciamos hoje. E ainda que essa Quadra 27 está composta com várias histórias e vidas que foram breves, mas que fazem parte do imaginário de cada família.

Como o pioneirismo é bastante claro e evidente e a história da região Oeste, foi construída de forma programada e projetada, acreditamos que relembrar esses 741 esquecidos foi importante para os familiares e também para a história local. Os esquecidos fazem relação aos seus pais possíveis colonizadores da região.

O espaço cemiterial é muito rico em objetos e elementos para pesquisas, além da diversidade das histórias que ele possui, essas se tornam ainda maiores se buscarmos sua origem. O cemitério Cristo Rei de Toledo, passa a ser visto por mim, com outros olhos, pois ainda pretendo buscar muitas coisas que envolvem sua história.

Referências

ARIÈS, Philippe. *Sobre a história da morte no ocidente: desde a idade média*. 2.ed. Lisboa: Teorema, 1975.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

ARIÈS, Philippe. *Sobre a história da morte no ocidente desde a Idade Média*. Tradução de Pedro Jordão. 2. ed. Lisboa: Teorema, 1989.

AUGÉ, Marc. *Les formes de l'oubli*. Paris, Payot / Rivages, 1998.

BARALDI, Solange; SILVA, Maria Júlia Paes da. Reflexões sobre a influência da estrutura social no processo da morte-morrer. *Nursing*, n. 24, ano 3, p. 14-17, 2000.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O Homem e suas Representações Sobre a Morte e o Morrer: Um Percorso Histórico. *Saber Acadêmico: Revista Multidisciplinar Da Uniesp*, n. 6, p. 73-80, 2008.

CASTRO, Marina Ramos Neves de; CASTRO, Fábio Fonseca de. Rituais de Memória e Temporalidade num Dia de Finados. *Sociedade e Cultura*, v.22, n.1, p. 240-260, 2019.

DaMATTA, Roberto. Antropologia da saúde. In: DaMATTA, Roberto. *Conta de Mentiroso: Sete Ensaios de Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 17-35.

DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do trabalho social*. Tradução E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1893].

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. de Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Traduzido do Original Francês. *La Mémoire Collective* (2º ed.) Press Univeritaires de France - Paris, França, 1968.

KOPELMAN, Michael D. Disorders of memory. *Brain*, v. 125, n. 10, p. 2152-2190, 2002.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. *O que é Morte*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MAUSS, Marcel. A Expressão Obrigatória dos Sentimentos (Rituais Funerários Australianos). *Journal de Psychologie*, n. 18, 1921.

MOTTA, Antonio. *À flor da pedra. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros*. Recife: Massangana, 2009.

MOTTA, Antonio. Estilos Mortuários e Modos de Sociabilidade em Cemitérios Brasileiros Oitocentistas. *Horizontes Antropológicos*, v. 16, n. 33, p. 55-80, 2010.

MUNICÍPIO DE TOLEDO. *LEI "R" N° 79 de 1º de novembro de 2012*. Procede a alterações no Plano Plurianual do Município de Toledo, para o período de 2010 a 2013. Disponível em: http://www.toledo.pr.gov.br/sapl/sapl_documentos/norma_juridica/3257_texto_integral Acesso em: 25 jan. 2017.

NEGRÃO, Marcus Vinícius Nascimento. *Iluminando os mortos: um estudo sobre o ritual de homenagem aos mortos no Dia de Finados em Salinópolis – Pará*. 2014. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPA), Belém, Pará, 2014.

OBERG, Kalervo. *TOLEDO - Um Município da Fronteira Oeste do Paraná*. Edições SSR, ESTUDOS - N°3. Rio de Janeiro, 1960.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. *Cemitérios*. São Paulo: Necrópolis, 2007.

SILVA, Weverson Bezerra. “*Lembre de mim*”: um olhar antropológico sobre o dia dos mortos no cemitério Senhor da Boa Esperança em João Pessoa – PB. 2019. Ciências Sociais (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal da Paraíba, 2019.

Recebido em 21 de abril de 2021

Aceito em 21 de março de 2022